

Luiz de Miranda

OS MAGADAES



LETRCAPITAL

Copyright © Luiz de Miranda, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico, sem a
autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

Os personagens citados são fictícios. Quaisquer nomes,
ou citações a locais e famílias, são meramente coincidências.
Luiz de Miranda.

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Luiz Guimarães
*(Imagem: Le Ruisseau (1890).
Autor: Baron Léon Frédéric
Museu Real de Belas Artes de Bruxelas)*

EDITORIAÇÃO: Luiz Guimarães

REVISÃO: Pat Dassi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M644m

Miranda, Luiz de
Os Magadaes [recurso eletrônico] / Luiz de Miranda. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Letra Capital, 2020.
recurso digital ; 1 MB

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-990166-3-9 (recurso eletrônico)

1. Contos brasileiros. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

20-63797

CDD: 869.3

CDU: 82-34(81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefone (21) 22153781 / 35532236
www.letracapital.com.br

Luiz de Miranda

OS MAGADAES

LETRCAPITAL

Dedicatórias

À Leila, que escreveu este livro comigo.

A Rolland Bosmans, Conrad Detrez, (in memoriam).

A Jean Wallenborn.

Para Christina.

APRESENTAÇÃO

Bruelas, fim da década de 60 e metade dos anos 70. Ainda estavam presentes, Maio 68, a Primavera de Praga, a guerra do Vietnam, a ETA, o IRA, Salazar, Franco, as ditaduras da América do Sul, e as colônias africanas de Portugal e o apartheid na África do Sul. Isso sem contar o Oriente médio, e a disputa entre Israel e palestinos.

No Brasil, país de origem do autor, o AI-5 “aniversariava” de dois anos e os gritos de goollllllll de Pelé ajudavam a calar os gritos de dor de amigos viscerais nos porões do DOPS.

Neste ambiente “extremamente confortável” ao sonho e a fantasia, tanto no que toca a convicções ideológicas como no que fere o mais íntimo dos sentimentos de amizade e fraternidade, um jovem brasileiro doutorava-se num tema nada inspirador: a formação de ferrugem em aços!

De certo que, em tais circunstâncias, o caminho da resiliência poética e do abandono da criatividade que acalenta as veias de um contista nato seria postura comum. Pois bem, nosso autor escolheu o caminho inverso. E como mineiro que é, buscou na natureza, ainda que distante da sua, inspiração para realizar o movimento salvador de respirar realidade e expirar contos.

Assim, refugiava-se, vez em quando, nas Ardenas Belgas. A mesma região que, menos de trinta anos antes,

fora devastada na segunda guerra mundial mas que soube guardar para eternidade seus contos plenos de rochedos donde se jogam bruxas, gigantes que se transformam em pedreiras e poções mágicas disfarçadas em cervejas seculares.

Nesse cenário, nosso autor imaginou um conto onírico. O título do livro, Os Magadaes, já é, por si mesmo, um convite à magia. Os outros contos, Genealogia e Dia de Preguiça, revelam uma das facetas do autor: descrever em poucas linhas, a dialética da Vida e o eterno confronto entre o mundo individual e fatos extraordinários que ocorrem, mas que o nosso “eu”, não nos permite enxergá-los.

Daniel Miranda

Geógrafo e Músico

SUMÁRIO

GENEALOGIA	8
DIA DE PREGUIÇA	14
OS MAGADAES	17
Prefácio à guisa de explicação	17
Capítulo I.....	19
Capítulo II	27
Capítulo III.....	32
Capítulo IV.....	38
Capítulo V	49
Capítulo VI.....	55
Capítulo VII	59
Capítulo VIII	65
Capítulo IX.....	70
Capítulo X	79
Capítulo XI.....	85
Capítulo XII	90
Capítulo XIII.....	95
Capítulo XIV	98
Capítulo XV.....	100
Capítulo XVI.....	102
Capítulo XVII.....	103
Capítulo XVIII.....	106
BRUXELAS 2012.....	109
Capítulo XIX.....	111
BRUXELAS, 2016.....	114

GENEALOGIA

A frota de Martim Afonso de Souza, que partiu do Tejo em 3 de dezembro de 1530 em direção ao Brasil, era constituída da Nau São Miguel, capitaneada por Heitor Souza, de um galeão, o São Vicente, capitaneado por Pero Lobo Pinheiro, e de duas caravelas, a Princeza e a Rosa, capitaneadas por Baltasar Gonçalves e Diego Leite, respectivamente. O armeiro do São Vicente era mestre Pero Gonçalves. A frota chegou à Bahia de Todos os Santos em 13 de março, zarpando no dia 17. Em 30 de abril, aportou no Rio de Janeiro para uma estadia de três meses, de maio a julho, quando foram construídos dois bergantins. Foi então decidido que Pero Gonçalves permaneceria nessas plagas, onde ajudaria na construção de um forte e no ofício de armeiro da frota, a fim de que cuidasse do bom estado da armaria e dos canhões dos bergantins. Em 1550, Pero Gonçalves fecundou uma índia, gerando um menino, de nome Antônio Fernandes Gonçalves. Nascendo no ano seguinte, seguiu o ofício de armeiro, vindo a ser chamado pela alcunha de “O filho”. Antônio Fernandes se casou, por sua vez, com uma gentia e gerou três filhos homens, batizando-os, pela ordem de nascimento, Jerónimo, Esperidião e Mansueto, nomes dos santos dos dias. Dos dois últimos perderam-se os traços, porém, do primogênito, fontes seguras dão conta de que, em 1606, Jerónimo Gonçalves Filho, assim batizado, se ca-

sou, aos 35 anos, com dona Maria de Albuquerque Medeiros, filha de um comerciante português de certa ascendência nobre, estabelecido no comércio de escravos e de malagueta. Com o início da exploração do ouro nas Minas Gerais, Jerónimo e dona Maria se estabeleceram nas glebas de Mariana, onde registraram os nascimentos de dois filhos, uma menina e um menino. Jerónimo foi contratado pela sesmaria para fabricar pólvora e armas de fogo. Como armeiro, por lá viveu muitos anos, onde está enterrado, ao lado de sua mulher, no cemitério de uma pequena capela adjacente à matriz. Sua filha, dona Maria Eugênia Albuquerque Medeiros Gonçalves, nascida em 1610, para grande desgosto dos pais, como se descobriu em correspondências encontradas por um historiador mineiro contemporâneo, juntou-se a um tropeiro que transportava ouro até o porto de Paraty, gerou dois filhos homens que fixaram residência na província do Rio de Janeiro. Um deles, José Manuel de Medeiros Gonçalves, acompanhava, desde jovem, as andanças do pai pelos sertões e tornou-se conhecido pela alcunha de “Mané das Armas”, pois era, no meio dos tropeiros, o encarregado da limpeza, consertos e provisão de armamento da tropa. Seu nome se tornou lendário sertão afora, sobretudo pela sua pontaria certa. Deixou vários descendentes de mães distintas, tendo, no entanto, o zelo de registrá-los e assumir a paternidade, como consta dos livros de registro de diversas igrejas do interior de Minas Gerais. Um desses filhos, Jerónimo, nome assim posto por ter nascido no dia de São Jerônimo, em 1640, nas proximidades da vila de São João del-Rei, fez-se armeiro, como o pai, e, na dita vila, estabeleceu-se como mestre em armas e ferreiro de mulas. Aprendeu o ofício da forja e da fundição de metais, tendo sido pioneiro na fabricação de sinos para igrejas e na utilização

do estanho e ouro em objetos sacros. Casado com dona Inês das Neves Andrada, teve 3 filhos e 18 netos, todos estabelecidos na região. Um desses netos, José de Andrada Gonçalves, tornou-se o verdadeiro guardião da família, chegando a ocupar importante posto na administração da província. Quando dos incidentes de 1792, acusado diretamente pelo Visconde de Barbacena de participar do levante contra a Coroa, fugiu para o Rio de Janeiro, deixando para trás uma pequena fortuna em metais e uma propriedade de alguns alqueires, onde se cultivava a cana-de-açúcar e fabricava aguardente de excepcional qualidade. Uma vez na cidade do Rio de Janeiro, montou um pequeno comércio de bebidas e quitandas, inicialmente nas proximidades dos arcos da Lapa, porém, em decorrência dos problemas de segurança advindos da derrama, transferiu a família para a freguesia de Jacarepaguá, no sopé do outeiro de Nossa Senhora da Pena, onde plantava cana-de-açúcar e fabricava aguardente. Todo o ferramental para o corte da cana e os alambiques para destilar a bebida eram de sua própria fabricação, o que lhe conferiu notoriedade até mesmo na corte. Faleceu em 1802, deixando um par de gêmeos que se fizeram conhecidos pela extraordinária semelhança entre si e pela capacidade de trabalhar os metais com exímia perfeição. Logo após a Independência, em 1822, a família, sentindo-se livre das acusações e perseguições de outrora, retornou à cidade do Rio de Janeiro, tendo um dos gêmeos, Antônio de Andrada Gonçalves, falecido de febre hemorrágica. O irmão, Pedro Lúcio, montou uma oficina de serralheiro num recanto próximo à enseada de Botafogo. Pedro Lúcio casou-se aos 26 anos com Dona Anna Júlia Barbosa, filha de um comerciante de tecidos e gozou de um período de relativo progresso, como pode ser deduzido dos dados mostrados na página XXXIX

e seguintes, do livro XX, das tributações pagas à Fazenda Pública. Nas referidas páginas, consta que Pedro Lúcio de Andrada Gonçalves, serralheiro de seu ofício sito na enseada da praia de Botafogo, nos prazos 4 a 5, em moradia de sua propriedade, pagou à Fazenda o equivalente a 8 onças de ouro, como estabelecido pela ouvidoria, em impostos. Em 1862, Pedro Lúcio veio a falecer por conta de tifo, sendo que seu filho mais velho, Jeronimo Andrada Gonçalves, assim batizado por ter nascido no dia de São Jeronimo, entre os anos de 1864 e 1870, fez uma pequena fortuna por ser reconhecido como o melhor armeiro da Tríplice Aliança que lutava contra Francisco Solano Lopez. Suas armas se distinguiram pela precisão e qualidade e foram adquiridas, durante aqueles turbulentos anos, em regime de prioridade militar. Com a introdução dos armamentos pesados, oriundos da Inglaterra e da Alemanha, Jeronimo Andrada Gonçalves ampliou seu negócio, vindo a ser um dos mais importantes ferramenteiros do Império. Mais tarde, na revolta de Canudos, o General Moreira César encomendou armamentos diversos a Jeronimo e sua equipe, constando deste pedido um canhão, que veio a ser aquele que derrubou a nave da igreja de Antonio Conselheiro. Jeronimo Andrada Gonçalves casou-se com Francisca da Graça Couto, gerando seis filhos, duas meninas e quatro meninos, os quais nasceram e cresceram no endereço de Botafogo, levando uma vida relativamente abastada. O grande golpe sofrido pela família foi a epidemia de febre espanhola que se espalhou pelo Rio de Janeiro, com especial virulência e que dizimou grande parte da população nos primeiros anos do século XX. Dentre os filhos de Jeronimo Andrada Gonçalves que escaparam da epidemia, Antônio da Graça Couto Andrada Gonçalves, era conhecido pela alcunha de “Antônio, o maluco”, originada pela sua

exibição de roleta russa, apostando altas somas de dinheiro, fazendo suas apostas no Largo do Machado, sem nunca ter sofrido um único arranhão. Também é registrada sua fama de baderneiro, com várias entradas na polícia, como consta dos laudos de ocorrência da delegacia de polícia do bairro do Catete, muitas vezes em virtude de suas façanhas de exímio atirador, abrindo garrafas a tiro, despindo prostitutas com balas certeiras nos vestidos e nas roupas íntimas. Deixou muitos filhos, segundo os testemunhos da época, entre eles, um certo Gaspar Gonçalves, que, por essas estranhas veredas que a vida nos apresenta, integrou-se à Coluna Prestes, percorrendo todo o Brasil, exercendo o ofício de armeiro, sendo o homem de confiança de Juarez Távora. Pouco se sabe do paradeiro de Gaspar Gonçalves após a dissipação da Coluna Prestes. Há, todavia, um só fato concreto: Gaspar Gonçalves viveu em Corumbá, Mato Grosso, e por lá se estabeleceu sem registro de ofício confirmado. Já no governo Washington Luiz, pouco antes da eclosão da Revolução de 30, um certo Jeronimo Gonçalves, dizendo-se neto de Antônio Graça Couto Andrada Gonçalves, apresentou-se a um juiz de direito do Rio de Janeiro reclamando sua propriedade em Botafogo, apresentando como prova um documento escrito de próprio punho pelo pai, Gaspar Gonçalves, morto em 1928, em Corumbá, num duelo com um pistoleiro a mando de um rico proprietário de terra da região. A propriedade já não mais existia como tal. Dera origem a um cortiço de casas que se estendia da praia de Botafogo até as proximidades do Cemitério de São João Batista, o que o deixava em situação bastante difícil para retomar as propriedades reclamadas. Por fim, o Sr. Juiz propôs um acordo, segundo o qual Jeronimo Gonçalves recuperaria duas casas de cômodo que, por acaso, estavam desabitadas, mas arcando com as despesas de pô